

APRESENTAÇÃO

Yvonne Maggie

Universidade Federal do Rio de Janeiro/IFCS¹

Fabiano Gontijo

Universidade Federal do Piauí²

Gostar de dar aulas na graduação e no Ciclo Básico é quase um defeito no nosso meio acadêmico. Poucos afirmariam isso sem medo de ser, assim, classificados como na fronteira do baixo clero. Mas existem pessoas que não só gostam como acham importante dar aulas de Introdução à Antropologia e formar jovens bacharéis em Ciências Sociais. Somos desse tipo; e talvez, por esta razão, tenhamos sido convocados por Miriam Grossi e Peter Fry para coordenar a recém-criada Comissão de Ensino da Associação Brasileira de Antropologia assim que Miriam e Peter assumiram respectivamente a Presidência e a Vice-Presidência de nossa Associação em 2004.

Os dois anos de coordenação dessa comissão foram de intenso trabalho junto com Benedito Rodrigues dos Santos, Lúcia Helena Alves Muller, Simoni Lahud Guedes, Clarice Cohn, Mariza Peirano, Neusa Gusmão, Christina de Rezende Rubim, Antônio Motta, Ceres Victora e Ulisses Rafael. Fomos chamados a atuar em muitas frentes, tanto no que se refere ao tema do ensino quanto ao da profissionalização do antropólogo – duas questões que parecem ser, nesse século que se inicia, de importância central para nossa ciência.

Entre todas as atividades que realizamos – seminários, oficinas e mesas-redondas –, as que se dedicaram aos temas da educação e da profissionalização foram as mais frutíferas,

¹ Professora titular do Departamento de Antropologia Cultural do IFCS/UFRJ.

² Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFPI.

porque eram uma continuação da tradição que vem sendo enfrentada pela nossa Associação de Antropologia desde que Castro Farias escreveu, em 1963, um balanço dos quatro campos da disciplina no Brasil – Arqueologia, Etnologia, Antropologia Biológica e Lingüística³. De lá para cá, a ABA vem dedicando-se ao debate com afinco. Mas foi nesta gestão de Miriam Grossi que foi criada a Comissão de Ensino com a missão precípua de levar adiante este tesouro construído ao longo dos 50 anos da ABA.

Assim, quando assumimos a coordenação, tratamos de ouvir e de responder aos inúmeros problemas suscitados pela comunidade acadêmica. Entre as demandas, estava o debate que se vem travando sobre o ensino da antropologia em instituições privadas de ensino superior e aquele mais espinhoso da formação do antropólogo no Brasil e na América Latina: quem é antropólogo e como ele deve ser formado? A Antropologia deve estar ao lado de outros cientistas sociais ou em um curso de graduação especialmente desenhado para a formação do antropólogo?

Enfrentamos essas duas questões de muitas maneiras ao longo desses dois anos, mas as atuações mais consistentes foram, sem dúvida, os inúmeros seminários, oficinas e mesas-redondas que organizamos e de que participamos.

O primeiro desses eventos foi apelidado de “*Jornada de Porto Alegre*” e organizado por Lúcia Helena Alves Muller, Jurema Brites, Paula Camboim de Almeida e Ceres Victora. Nele se discutiram justamente a inserção da Antropologia nos cursos de Ciências Sociais e a relação dos professores que ensinam nas instituições privadas de ensino superior com a nossa disciplina. As discussões da “*Jornada de Porto Alegre*” giraram em torno das possibilidades e das dificuldades da prática docente frente ao quadro de expansão da disciplina em cursos de graduação e de pós-graduação nos anos recentes e, em especial, em cursos de áreas profissionais que não as de Ciências

³ O artigo de Castro Faria foi apresentado na 4ª Reunião Brasileira de Antropologia em São Paulo, e o artigo publicado na *Revista do Museu Paulista*, nova série, vol. 14 (pp. 17-137). O artigo foi reeditado em 1998, pela EDUF, no livro *Antropologia, escritos exumados, espaços circunscritos – tempos soltos -1*.

Sociais propriamente ditas, como é mais comum nas instituições federais de ensino superior.

O interesse gerado por esta Jornada fez nascer o desejo de pensar o ensino de Antropologia comparativamente em outros países. Por tal motivo, realizamos, durante a VI Reunião de Antropologia do Mercosul, um Simpósio sobre o Ensino da Antropologia no Brasil e na América Latina. Participaram da mesa Leticia Cannella (Universidad de la República – Uruguai), Mabel Grimberg (UBA – Argentina), Miriam Pillar Grossi (UFSC – Brasil), Nicolás Guigou (Universidad de la República – Uruguai).

As discussões nesse fórum permitiram ver que o caminho escolhido pelo Brasil para o ensino e para a pesquisa em Ciências Sociais não foi o mesmo de outros países da América Latina e que estes diversos caminhos produziram inserções também distintas dos antropólogos nesses países. O Brasil traçou uma estratégia de ampliar o ensino nas instituições privadas e de concentrar esforços de pesquisa em instituições públicas. Essa estratégia transformou nossas instituições públicas de ensino superior em centros de pesquisa, e as instituições privadas ficaram mais dedicadas ao ensino. Já na Argentina, ao contrário, a universidade pública abriu suas portas para todos os candidatos, não houve um crescimento de instituições privadas, e a pesquisa ficou restrita a alguns centros dentro de universidades públicas e em institutos privados. A pós-graduação teve menos desenvolvimento nesses países se comparada ao seu contexto no Brasil.

O debate surgido nesses dois seminários possibilitou a organização de um simpósio sobre ensino de antropologia na 25ª Reunião da ABA, no qual os painelistas fizeram digressões sobre ensino da Antropologia e a organização dos cursos. Dele participaram Benedito Santos Celso Castro, Carla Teixeira Costa, João Leal e Mirian Goldenberg. O simpósio apresentou as perplexidades diante da necessidade de se melhorar o ensino e de se dar aos estudantes aquilo que eles almejam: um bom curso com professores atentos e dedicados, que, segundo alguns dos conferencistas, é mais importante do que mudanças no quadro institucional e na estrutura curricular.

Finalmente, organizamos uma oficina de debates coordenada por Fabiano Gontijo e Antonio Motta com a participação da comunidade acadêmica na 25ª Reunião da ABA. Participaram do debate tanto professores e pesquisadores da comunidade quanto participantes da Comissão de Ensino. Os debates foram concorridos e giraram em torno de três questões: 1) o ensino de Antropologia na graduação; 2) o ensino de Antropologia na pós-graduação; e 3) a profissionalização do antropólogo.

Reunimos, nesta terceira parte do livro organizado pela ABA, algumas das contribuições apresentadas nesses fóruns nos últimos dois anos. Há duas perguntas que, de uma forma ou de outra, atravessam todos os ensaios aqui apresentados: o que fazer para ensinar Antropologia em um país como o Brasil? E o que significa ser antropólogo num mundo que parece estar se afastando dos ideais universalistas e se aproximando, cada dia mais, de uma ética da separação e da diversidade?